



Que Papel a Presença poderia Desempenhar nas Práticas Acadêmicas? Sobre a performatividade da teoria no contexto da Filosofia-Performance

Alice Lagaay¹

Anna Seitz^{1, 11}

¹Hamburg University of Applied Sciences – Hamburg, Alemanha

¹¹University of Bremen – Bremen, Alemanha

RESUMO – Que Papel a Presença poderia Desempenhar nas Práticas Acadêmicas? Sobre a performatividade da teoria no contexto da Filosofia-Performance – O diálogo discute o papel desempenhado pela presença em situações acadêmicas de copresença com outras pessoas (em comparação com a importância da presença em contextos artísticos). Questiona a medida em que as formas acadêmicas convencionais, para além de buscar garantir a objetividade teórica, na verdade pré-determinam ou, de fato, limitam a transmissibilidade do conteúdo teórico. A conversa aponta para a necessidade de uma nova atenção dramaturgical à performatividade da teoria, e apela por uma abordagem inovadora aos formatos como as perguntas e os resultados referentes aos diversos campos nas humanidades poderiam ser apresentados e negociados com maior sucesso.

Palavras-chave: **Presença. Filosofia-Performance. Formatos de Conhecimento. Interdisciplinaridade. Contradições Performativas.**

ABSTRACT – What Role could Presence Play in the Practices of Academia? On the performativity of theory in the context of Performance Philosophy – The dialogue discusses the role presence could be permitted to play in academic situations of co-presence with others (in comparison to the importance of presence in artistic contexts). It ponders the extent to which conventional academic forms, quite apart from seeking to guarantee objectivity in theory, actually pre-determine, or in fact limit, the communicability of theoretical content. The conversation points to the need for a new dramaturgical attentiveness to the performativity of theory and calls for an innovative approach to the formats in which the questions and results concerning various fields in the humanities could be presented and negotiated more successfully.

Keywords: **Presence. Performance Philosophy. Formats of Knowledge. Interdisciplinarity. Performative Contradictions.**

RÉSUMÉ – Quel Rôle pourrait Jouer la Présence dans les Pratiques des Sciences Humaines? Un dialogue sur la performativité de la théorie dans le contexte de la philo-performance – Le dialogue thématise le rôle que pourrait jouer la présence dans des situations académiques de co-présence avec d'autres (par rapport à l'importance de la présence dans des contextes artistiques). Il s'interroge sur la mesure dans laquelle, au-delà d'idéalement garantir l'objectivité théorique, les formes académiques conventionnelles ont tendance à déterminer ou même à limiter réellement la transmissibilité de contenu

théorique. La conversation souligne la nécessité d'une nouvelle approche dramaturgique par rapport à la performativité de la théorie et appelle à un développement de sensibilités pour de nouveaux formats alternatifs dans lesquels les résultats et les questions de divers domaines des sciences humaines pourraient être présentés et négociés avec plus de succès.

Mots-clés: **Présence. Philo-performance. Formats de Connaissance. Interdisciplinarité. Contradictions Performatives.**

O diálogo a seguir resulta de um encontro entre Alice Lagaay, professora de filosofia e organizadora e cofundadora da rede Filosofia-Performance (*Performance Philosophy Network*), e a dramaturga e filósofa Anna Seitz. Discutem nesta conversa diferentes maneiras pelas quais uma lente performativa pode ajudar a destacar o papel da presença nas práticas de pesquisa, ensino e aprendizagem na universidade, um cenário em que os processos padronizados de linearização são cada vez mais habituais, tendo efeito negativo.

Anna Seitz (A.S.): Ao compararmos práticas artísticas e acadêmicas em termos de presença, é notório que, nos contextos artísticos, quase sempre a presença conduz diretamente a questões de formato, ao passo que, nas ciências ou, particularmente, nas *Geisteswissenschaften* (Humanidades) alemãs, questionar formatos de conhecimento (incluindo formatos de sua produção e comunicação) tem algo de tabu. Em geral, a particular relação entre forma e conteúdo em uma obra de arte é considerada como um critério importante para sua qualidade; em comparação, na academia, a observância de uma forma há muito consagrada é primordial. Além disso, quando se trata de apresentações por escrito, em geral o que conta como forma científica apropriada a respeitar é definido de maneira muito estrita para cada disciplina acadêmica. Nas apresentações de trabalho em situações de copresença física, como ocorre em conferências, seminários ou palestras, questões de formato raramente são objeto de muita reflexão ou análise. Portanto, nas artes dramáticas, é claro que a qualidade da presença que pode ser atribuída a um performer irá afetar a apreciação da arte em questão pelo público, enquanto que, no caso da academia, a qualidade da apresentação performativa de um palestrante, seja percebida como *boa* ou não, raramente é discutida de maneira franca, muito menos analisada. É como se houvesse pouca ou nenhuma conexão entre a forma performativa e o real conteúdo da apresentação. Mas é claro que não é verdade que a performance não tenha nenhuma rela-

ção com o conteúdo. Se um cientista (independentemente de seu campo, seja ciências naturais ou humanidades) apresenta os resultados de seu trabalho balbuciando um texto pré-redigido em complexas sentenças repletas de jargões, sem desviar o olhar uma única vez de sua folha de papel (uma situação que qualquer um que já tenha comparecido a uma conferência acadêmica sabe que ocorre com bastante frequência), então o público não consegue se concentrar no conteúdo do trabalho que está sendo oferecido à discussão (nem, muito menos, avaliá-lo), porque *simplesmente não consegue captar o que foi dito*. Tendemos a não admitir isso por temor de sermos percebidos como maus cientistas ou ignorantes. Talvez também seja por esse motivo que não exigimos que sejam introduzidas práticas científicas performativas diferentes e, ao contrário, preferimos sofrer com painéis e seminários aparentemente intermináveis fingindo saber o que está sendo discutido – de modo que não seja levantada nenhuma dúvida entre nossos colegas a respeito de nossa própria competência acadêmica. Se alguém ousar sugerir que talvez valesse a pena explorar formatos alternativos, você pode ter certeza de que mais alguém será rápido em se opor com a observação de que certamente uma ciência rigorosa requer formatos complexos e que, no fim, não estamos aqui (digamos, nesta conferência) para sermos entretidos, mas sim para nos concentrarmos em um trabalho sério. Os resultados de uma ciência rigorosa não devem ser aplainados nem banalizados, dirão eles, pela adoção do formato de TED Talks – nem pensar! – e tópicos. Este pode, de fato, ser o caso. Mas certamente TED Talks e tópicos não são as únicas alternativas imagináveis. Ao contrário, é importante, creio eu, que busquemos e elaboremos formatos de conhecimento que não mais impeçam, mas sim possibilitem que o conteúdo complexo seja compartilhado em situações de copresença física, algo muito pouco explorado na atualidade – até mesmo e especialmente em contextos em que o conteúdo da pesquisa levaria a esperar por algo diferente (por exemplo, no teatro e nos estudos da performance, nas ciências sociais e em outras disciplinas em que a observação das práticas é central à expertise em questão). Uma pergunta a ser feita é que papel a *copresença* espacial e temporal – conforme Erika Fischer-Lichte a chamaria (Fischer-Lichte, 2015) – dos cientistas desempenha de fato? Não pode haver dúvida alguma de que a escrita complexa é lida e digerida com maior facilidade em casa do que ao ser (mal) lida em voz alta em frente a uma plateia. Então, a

pergunta é: *o que podemos fazer melhor em situações de copresença com outros e com nossos pares do que sozinhos em nossas escritaninhas?*

Alice Lagaay (A.L.): Acho que aqui está em jogo, entre outras coisas, a complexa inter-relação entre noções de objetividade e subjetividade no que tange ao nosso conceito e compreensão do que é considerado como verdade. O que levou aos formatos acadêmicos convencionais que conhecemos e que também, sem dúvida, ajudou a sustentá-los ao longo de gerações é a ideia de que a verdade científica deve ser objetiva e universal e, portanto, livre e diferenciada de perspectivas subjetivas, idiossincrasias pessoais (inclusive o *grão da voz* ou a tonalidade vocal); além disso, deve ser livre de qualquer coisa que possa ser redutível a uma mera *retórica*. Isso é especialmente verdadeiro, e conta com uma tradição particular e uma justificativa compreensível, na história alemã a partir da ascensão do fascismo na década de 1930, o que levou ao Holocausto e à Segunda Guerra Mundial. Desde então, uma *Wissenschaft* (ciência) sólida certamente não deve agitar as emoções ou ser acessível com facilidade. O discurso maçante expresso em uma voz monótona tende a ser equiparado a uma teoria rigorosa e sólida, uma teoria crítica de tendência esquerdista, enquanto qualquer coisa que fale às massas deve ser considerada com ceticismo – especialmente se apelar aos sentidos e aos instintos mais básicos das pessoas ao invés de desafiar seus intelectos. Embora gerado a partir de uma cultura muito diferente (isto é, internacional, anglófona e relacionada aos negócios), o êxito do formato TED Talk poderia ser interpretado como a contrapartida lógica a essa mesma convenção, o polo oposto ao discurso acadêmico repleto de jargões, se preferir. As TED Talks proporcionam uma estética de *sentir-se bem* ao oferecer pedacinhos de fatias científicas sólidas bem-embaladas que conseguem inspirar você a fazer uma pequena mudança em seu estilo de vida, mas garantindo que terá a sensação de que aqueles quinze minutos foram bem aproveitados. Existe um rol de truques retóricos em jogo, o que alguns palestrantes TED particularmente inteligentes fizeram questão de apontar¹. O que as TED Talks e o discurso monótono usado na maior parte das vezes em conferências científicas têm em comum é que seu conteúdo é pré-estabelecido e estático ao ser enunciado. Em outras palavras, seu ideal de comunicação é unidirecional e corresponde ao modelo básico de comunicação – e a esta altura bastante superado – de transmissão de informação (Shannon; Weaver, 1979

[1949]]². Em ambos os casos os palestrantes não objetivam gerar conhecimento ao aproveitar a oportunidade oferecida por estarem em uma situação de copresença temporal e espacial com uma plateia. Fazê-lo exigiria que saíssem de sua zona de conforto ensaiada para deixar que algo improvisado ou inesperado acontecesse – seria arriscar deixar que algo novo emergisse performativamente. Podemos pensar se o ponto real e o verdadeiro potencial de reunir-se não seria, em primeiro lugar, gerar e explorar um pensamento no coletivo, uma forma de pensar que é, de fato, impossível para indivíduos isolados. Acho desconcertante que a experiência de realmente pensar (algo) juntos seja tão rara e não buscada com maior avidez pelos acadêmicos. Como filósofos, por exemplo, estamos constantemente recorrendo ao coletivo; para começar, com frequência nosso pensamento é baseado no pensamento dos outros. Ainda assim, quando apresentamos nosso trabalho para nossos colegas, é como se de repente não fizessemos mais parte de um coletivo maior – o coletivo tende a ser deixado de lado – e, ao invés disso, somos egos isolados (e o mesmo ocorre no caso do público em conferências acadêmicas; não é um corpo coletivo, mas sim um conjunto de indivíduos). No entanto, paradoxalmente, o formato de *conferência* constitui uma das raras oportunidades de participar de um intercâmbio coletivo. Então, por que permitimos a organização de formatos que nos levam a perder a oportunidade de estabelecer um processo de pensamento coletivo? Acho difícil compreender por que não aproveitamos essas oportunidades de nos reunirmos, isto é, nos conectarmos de alguma maneira, trocar e desenvolver ideias juntos, mais do que meramente *nos juntarmos* em um lugar e alguém ler para nós textos que poderíamos facilmente ter lido em casa sozinhos. Na minha opinião, essa prática só faria sentido se pelo menos (também) demonstrássemos interesse pela maneira *como* um texto é apresentado, porém, estranhamente, o *como* de uma palestra é um tabu em círculos acadêmicos. Com certeza é ainda mais premente que os acadêmicos reflitam sobre o potencial performativo dos formatos pelos quais expressam conhecimento, dada a natureza da sociedade da informação na qual vivemos agora, em que fontes e sites cada vez mais questionáveis não apenas estão gerando e compartilhando *notícias* não confirmadas em alta velocidade, mas também cada vez mais influenciando resultados políticos de maneira performativa em tempo real. Mais do que nunca, talvez os resultados de uma teoria crítica bem-refletida

e digerida nas humanidades, bem como o conhecimento gerado em vários campos de estudo na universidade, correm o risco de se tornarem irrelevantes se aqueles que lidam com esse conhecimento não fizerem mais esforços para torná-lo acessível e interdisciplinar.

A.S.: As questões de performatividade estão em voga há algum tempo nos estudos culturais e na filosofia, mas dificilmente se aplicam à própria performance acadêmica de alguém. Isso às vezes me faz lembrar a compreensão de teatro do século XIX como algo nada além de *texto trazido para o palco*, uma concepção que – felizmente – parece completamente absurda para nós hoje. A questão é se talvez não precisemos de uma cultura de filosofia performativa (e de conteúdo acadêmico em geral) que não pergunte meramente o que é abordado em uma palestra, mas também como é realizada. Por fim, há muito tempo se sabe (precisamente na filosofia) que a forma contribui decisivamente para o conteúdo. Minha pergunta é por que então nós, como cientistas conscienciosos, temos *permissão* para ignorar formas de performance?

A.L.: Já há algum tempo temos visto um número crescente de iniciativas que procuram novos formatos para compartilhar e explorar conteúdo filosófico. Iniciativas como essas podem ser encontradas dentro e fora da estrutura puramente acadêmica das universidades e estão ocorrendo, sobretudo, nas interseções onde *ciência* e *arte* se encontram. Exemplos disso no mundo de língua alemã incluem a associação *Verein Expedition Philosophie e.V.*³, sediada em Leipzig, que promove uma série regular de eventos chamada *Soundcheck-Philosophie*⁴, e a série de festivais vienenses *Philosophy on Stage*⁵. No âmbito internacional, essas e outras atividades semelhantes são organizadas sob os auspícios do novo campo de pesquisa *Filosofia-Performance*. Os muitos projetos e abordagens que se descrevem como filosofia-performance não podem ser facilmente reduzidos a um denominador comum. Não obstante, muitos são motivados pelo desejo ou necessidade de manter e compartilhar insights científicos em conteúdo não apenas discursivo, mas ao buscar incorporar e investigar melhor a teoria aproveitando meios e métodos de performance (no sentido mais ampliado). Embora, como pode ser observado, (ainda) não exista um claro denominador comum nas abordagens às soluções dessas iniciativas, eles parecem ter chegado independentemente à conclusão compartilhada de que hoje em dia existe alguma urgên-

cia para pararmos de meramente produzir conteúdo novo, mas que comecemos a questionar os formatos filosóficos existentes. No contexto internacional, isso ocorreu com bastante sucesso na *Terceira Conferência Bienal de Filosofia-Performance (Third Biennial Performance Philosophy Conference)*, realizada em Praga em 2017 com o título *Como a Filosofia-Performance Atua? Ethos, Éticas, Etnografia*⁶. Anna, você também era membro do comitê de planejamento do programa dessa conferência. Como encara esses acontecimentos?

A.S.: Conforme você já sugeriu, toda inovação implica sempre em alguma crítica ao *status quo*, e cada vez mais os filósofos parecem concordar com essa crítica. Se quisermos levar a sério uma pergunta como *Como a Filosofia-Performance atua?*, não basta abordar a questão no formato padrão de conferência usual, mas temos que questionar nossos formatos também, pois afinal estruturam em grande medida nossa ação. Portanto, torna-se uma questão de explorar a conferência, também, em termos de performance (isto é, com relação a sua performatividade e *como uma performance*) e, seguindo adiante na nossa linha de questionamento, concentrar-se no *ethos* e na *ética* de sua performatividade. A Filosofia-Performance luta por um intercâmbio entre disciplinas e cuja premissa básica deve ser o desmonte das hierarquias de culturas do conhecimento e de seus formatos. Mais do que meramente permitir que coexistam lado a lado, queríamos explorar sua *permeabilidade* na conferência. O formato padrão de conferência vem sendo cada vez mais criticado, como você corretamente observa, mas em geral não temos tempo e talvez nem a coragem para encontrar alternativas. A Filosofia-Performance quer disponibilizar um espaço livre em que representantes de diferentes disciplinas experimentem juntos tanto em termos de conteúdo como de formato e, assim, treinem seu *sentido para alternativas*. A dramaturgia da conferência criou uma configuração bastante experimental que depois avaliamos ao longo do evento. Era essencialmente uma questão de adquirir consciência de nossos próprios pontos cegos; uma questão de explorar um olhar distanciado sobre nossa própria cultura e tornar possível enxergar suas dimensões estéticas e éticas, a fim de refletir sobre como realmente atuamos (geralmente de maneira irrefletida) e como podemos melhor atuar ao nos distanciarmos. Com relação ao *ethos* e à *ética* da Filosofia-Performance, outra preocupação urgente nossa, além de desmontar as hierarquias das formas

de conhecimento, era incentivar uma democratização da contribuição/produto e do intercâmbio dialógico na forma de pensar e de falar em conjunto. Queríamos melhorar as oportunidades para que o conhecimento fosse consumido não apenas de forma passiva, mas *gerado* interativamente. Em geral, essa prática simplesmente não faz parte de um formato padrão de conferência, como pode ser claramente observado a partir de suas estruturas temporais. Se uma palestra de vinte minutos deve seguir-se de uma discussão de dez minutos, não há, é claro, maneira alguma de introduzir um processo conjunto de geração de conhecimento. Em Praga, apesar de algum ceticismo dos delegados no início, vimos que o cronograma para apresentações e discussão era virtualmente igual, o que, em um sentido trivial, talvez tenha sido o aspecto mais inovador da conferência. Embora inicialmente causasse incerteza, ao final foi o aspecto mais elogiado pelos participantes como uma experiência original de conferência, e no fim levou a reformatar os *insights* sobre o conteúdo em relação ao *ethos* e à ética das abordagens científicas e artísticas ao seu trabalho. A alternativa ao formato padrão de conferência aqui era precisamente *não* uma TED Talk unidirecional, mas um processo coletivo que permitisse uma real troca e geração de conhecimento, precisamente *usando o exemplo* de concentrar-se em forma(to)s⁷. A pergunta *Como a Filosofia-Performance atua?* nos leva de volta à trilha da pergunta de Heidegger quando escreve em *Que é isto – A Filosofia?*:

Quando perguntamos: Que é isto – a filosofia?, falamos *sobre* a filosofia. Perguntando dessa maneira, permanecemos num ponto acima da filosofia e isto quer dizer fora dela. Porém, a meta de nossa questão é penetrar *na* filosofia, demorarmo-nos nela, submeter nosso comportamento às suas leis, quer dizer, ‘filosofar’. O caminho de nossa discussão deve ter por isso não apenas uma direção bem clara, mas essa direção deve, ao mesmo tempo, oferecer-nos também a garantia de que nos movemos no âmbito da filosofia, e não fora e em torno dela. O caminho de nossa discussão deve ser, portanto, de tal tipo e direção que aquilo de que a filosofia trata nos diga respeito de forma pessoal, que nos afete e que, de fato, nos toque em nosso próprio ser (Heidegger, 1956, p. 20-21).

Você percebe uma conexão aqui? Não precisamos estudar cuidadosamente *como a filosofia atua* para compreender *o que é a filosofia?*

A.L.: Todo processo de pensamento filosófico é evocado ao ser tocado ou afetado por uma ideia ou por um fenômeno. E, ao mesmo tempo, afinal,

por que buscamos a filosofia? É apenas para progredir academicamente? Isso abre um campo interessante para o diálogo. Ambas as perguntas pertencem às ações, e as perguntas pertinentes às ações são sempre perguntas de performatividade, e as perguntas de performatividade (também) são sempre perguntas de formas de performance. No primeiro caso, não se trata fundamentalmente de examinar a performance no sentido dos estudos do teatro, mas realmente seria exagerado demais desenvolver algo que poderia representar uma análise da performance no sentido de um exame da forma na filosofia? Isso significaria que, como bons estudiosos, seríamos compelidos a ser inovadores em nossos formatos. Richard M. Carp o expressa da seguinte maneira:

A prova do pensamento, então, é sua capacidade de contribuir com as práticas de bem viver. Como o universo é surpreendente, não podem ser conjuntos estáticos de habilidades, mas devem incluir a capacidade de responder apropriadamente em um contexto dinâmico. Muitos fatores contribuem para o dinamismo do mundo, que surge onde quer que olhemos. [...] Nossa compreensão (parcial) nos orienta a atuar de maneiras cujos resultados são inesperados, aos quais devemos responder de maneira inovadora e não prevista. [...] As ações que nossa compreensão ajuda a dar forma hoje criarão (às vezes) circunstâncias que requerem novos entendimentos e novas ações. Parte do que precisamos saber é como mudar. Devemos 'abrir espaço para surpresas e ironias no âmago de toda produção de conhecimento; não somos responsáveis pelo mundo' (Haraway, 1996, p. 125 apud Carp, 2001, p. 74).

A questão do *como* deve ser considerado essencialmente relevante à questão do *quê*. Seguramente nela encontra-se um ponto cego da filosofia acadêmica na atualidade. Para ser clara: quando perguntamos *Como queremos viver?*, com certeza devemos olhar para nossas próprias performances; não pode ser apenas uma questão de performatividade em termos teóricos gerais, mas deve levar em conta e abordar criticamente nossas próprias formas habituais de ação incorporadas – e modificáveis.

A.S.: Fico pensando como, quando e por que esse empobrecimento da diversidade de formas surgiu na filosofia acadêmica, não apenas nas práticas de performance da copresença física, mas também em formatos por escrito. Naturalmente, as definições do que é considerado científico mudaram ao longo do tempo: não há dúvida de que Platão seria considerado não-científico hoje em dia, para não falar de Nietzsche e Santo Agostinho ou até

mesmo Descartes e Wittgenstein. Mas não podemos talvez encontrar *nisso* um desafio para inovar a forma de nossas pretensões de ser científico? Isso certamente exigiria que não simplesmente as considerássemos como dadas e imutáveis, mas que *necessariamente* reavaliássemos nossa própria coragem, até mesmo para falhar, para não corrompermos nosso próprio conteúdo filosófico. Então, não será talvez necessário aprendermos a partir da prática artística de sempre testar qual conteúdo exige qual forma? Com certeza não é coincidência que Heidegger utilize a metáfora de *Holzwege* (que significa literalmente tanto *trilhas meio abertas no meio da mata* quanto seus *desvios*, como *caminhos falsos*; traduzida às vezes como *caminhos da floresta*) ao perguntar sobre a origem da obra de arte (teria sido uma história muito diferente se o volume tivesse sido intitulado, digamos... *Autoestradas!*).

A.L.: Uma objeção comum às formas experimentais de filosofar que retomam precisamente essa lógica de pesquisa artística para explorar formatos inovadores para novos conteúdos alega que tendem a resultar em *arte de má qualidade* ou em *má ciência*. Lamentavelmente, com certeza isso pode ser assim, às vezes, e naturalmente qualquer coisa que leve à arte de má qualidade ou à má ciência não é aceitável. Não pode ser uma questão de promover a filosofia diletante às custas do bom pensamento ou de produzir arte ruim em nome da inovação filosófica. Porém, a meu ver, esse problema exige que nos envolvamos mais nessas questões, não menos. Inversamente, não é que os formatos padronizados, que atualmente são a norma, necessariamente garantam alta qualidade científica – a única coisa que garantem é que determinada *forma* científica seja repetida. É perfeitamente possível cuspir todos os tipos de absurdo de maneira formalmente impecável. Portanto, sou contra ser acalentada em um sentido perigosamente falso de segurança de que determinada forma poderia garantir conteúdo de alta qualidade. Deveríamos, sim, nos esforçar para assegurar que o conteúdo de alta qualidade seja apresentado em formatos de alta qualidade também – o que significa formatos bem-pensados, apropriados ao conteúdo específico. Isso pode certamente envolver formas padronizadas, mas também pode significar ser necessário desenvolver outras, novas. A pergunta deve ser reexaminada a cada exemplo e a cada caso. E a coragem de falhar, acima mencionada, naturalmente desempenha um papel significativo nisso. Sem a coragem de falhar, não se po-

de estar aberto aos resultados da pesquisa de ninguém. A abertura para os resultados, entretanto, é uma condição necessária para a boa ciência.

A.S.: Recentemente, tomei plena consciência dessa contradição quando fui a uma conferência sobre *formas de representar a crítica*, na qual o palestrante leu em voz alta (ou melhor, balbuciou) um texto altamente acadêmico, de tal maneira que nós, na plateia, na verdade quase não conseguimos compreender nada (algo que ninguém ousou criticar). Tive a impressão de que a forma escolhida solapou completamente seu conteúdo. Chamo esses fenômenos de *contradições performativas*: a forma nega o conteúdo e vice-versa. Nas artes cênicas, é bastante comum brincar com contradições desse tipo. Todos nós estamos familiarizados com cenas de teatro ou filmes quando um personagem com a cara vermelha grita: NÃO ESTOU IRRITADO!!! (Esse exemplo também explica quanto uma forma de apresentação determina nossa percepção sobre a plateia). Em performances científicas, essas conexões são em geral ignoradas, mas é claro que, de qualquer maneira, desempenham um papel. A questão é simplesmente se podemos refletir sobre isso.

A.L.: Estamos todos girando em torno de questões de conhecimento incorporado e habitual aqui. Para mim, é importante compreender mais como a teoria é incorporada. Muitas vezes penso sobre o que significa filosofar fisicamente, ou qual seria o corpo de uma filosofia.

A.S.: Pessoalmente, tenho algumas dificuldades com o conceito do assim-chamado conhecimento do corpo. Parece-me que implica em uma alternativa que não faz nenhum sentido. Ou seja, o que seria um conhecimento sem corpo? Certamente o conhecimento que não é vinculado aos corpos é mera informação; sempre precisa de um sujeito, isto é, um corpo, para interpretar essa informação, ou seja, para organizar o conhecimento. Prefiro o termo “conhecimento implícito”, cunhado por Polanyi em sua formulação “Sabemos mais do que conseguimos dizer” (Polanyi, 1983, p. 4), pois há, naturalmente, formas de conhecimento que não podem ser explicadas – ou apenas com dificuldade – em linguagem (muito menos por escrito). É isso que você quer dizer?

A.L.: Sim e não. É, sem dúvida, também sobre formas implícitas de conhecimento, mas em certa medida também é sobre democratizar partes do corpo. Você está correta, é claro, sobre não existir nada como um filosofar sem

corpo. Não obstante, imagino como lidar com o aspecto hiperintelectual da filosofia sem transformá-la em algo que não pode ser levado tão a sério.

A.S.: Suponho que esteja falando sobre democratizar formas de percepção? É claro que olhos, narizes, bocas... todos fazem parte da cabeça, e os cérebros, tanto quanto sabemos, organizam não apenas processos racionais, mas todos os outros também. Toda a hierarquização desses processos foi, em termos neurológicos, superada há muito tempo, mas as ciências (inclusive as ciências naturais) continuam a operar com a hierarquia das, assim chamadas, abordagens *racionais* versus *irracionais* ou *cognitivas* versus *sensoriais*. Toda essa maneira de falar há muito tempo tornou-se bastante indefensável e precisa ser urgentemente substituída (o que seria, a propósito, uma tarefa para a filosofia, em minha opinião).

A.L.: Concordo. No entanto, devemos refletir rigorosamente não apenas sobre os formatos e as formas de apresentação para resultados filosóficos, mas também precisamente sobre quais formas de gerar *insights* filosóficos ainda podem existir. Talvez não seja a melhor forma, mas sentar-se em frente a nossa escrivinha o dia inteiro certamente não é a única maneira de buscar a filosofia:

As disciplinas específicas do corpo correspondem a experiências específicas do mundo. O pensamento acadêmico é produzido por um corpo especificamente disciplinado, um corpo que consegue tolerar ficar sentado durante horas em salas estéreis sob o zunido de lâmpadas fluorescentes, escutando palavra após palavra após palavra de conferência após conferência. Esses corpos foram ensinados a se dissociarem de si mesmos, treinados para retardar eliminações (e até mesmo a experiência da necessidade de eliminar), a reprimir a experiência do desejo sexual, da fome e da sede, a imobilizar o impulso para o movimento e a expressão cinestésica para a imobilidade física soporífera, que é exigida não apenas para frequentar (conferências, aulas, laboratórios), mas também para ler, escrever e trabalhar no computador (Carp, 2001, p. 99).

Poderíamos explorar outras práticas (inclusive outras *fisicamente* também) para processos de cognição filosófica. Por exemplo, *andar* tem alguma tradição filosófica, ou como Rousseau coloca: “Existe algo no caminhar que anima e estimula minhas ideias. Mal posso pensar quando fico em pé; meu corpo deve estar em movimento para que minha mente se sinta ativa” (Rousseau, 1996, p. 157). E, da mesma maneira, Montaigne: “Minha mente não se me-

xe a menos que meus pés a movimentem” (Montaigne apud Desan, 2016, p. 3)⁸. Nietzsche formula-o de maneira mais radical: “Ficar sentado o menor tempo possível; não dar crença ao pensamento não nascido ao ar livre, de movimentos livres — no qual também os músculos não festejem. Todos os preconceitos vêm das vísceras. A vida sedentária — já o disse antes — eis o verdadeiro pecado contra o santo espírito” (Nietzsche, 1989, p. 239-240)⁹. E conforme Carp também nos lembra, não somos simplesmente *incorpóreos* em nossas práticas, mas aprendemos uma forma específica de disciplina física. Entretanto, essa forma específica exige diversas habilidades dissociativas e devemos, portanto, nos questionarmos se é (sempre) apropriado ajudar a fazer valer nossa necessidade de alcance dos *insights*.

A.S.: Na verdade, esse é certamente outro ponto cego da filosofia acadêmica contemporânea, e preciso admitir que não sou imune a isso. Embora não seja influenciada apenas pela filosofia, mas também pelo teatro, e embora como dramaturga nesse campo tenha sido muito explicitamente responsável por desenvolver formatos, até apenas alguns anos atrás eu não conseguia aplicar essa expertise para desenvolver formatos acadêmicos. Foi um *insight* verdadeiramente fundamental para mim quando, em 2013, vivenciei seu trabalho junto ao Centro de Estudos da Performance/*Theater der Versammlung zwischen Bildung, Wissenschaft und Kunst* (Teatro da assembleia entre Educação, Ciência e Arte) (ZPS/TdV)¹⁰, na Universidade de Bremen (Alemanha). Acho que o seminário que você conduzia naquela época era precisamente sobre as diferentes maneiras de incorporar e interpretar a filosofia, e eu estava presente quando o TdV fez uma de suas, assim chamadas, Visitas-Performance ao seu seminário de filosofia. Foi fenomenal ver como uma pequena performance conseguia transformar toda a qualidade do pensar e o tom e a intensidade da discussão na aula, e como realmente contribuía para o fluxo de conhecimento nos participantes. Saí profundamente impressionada. E nem mesmo hoje consigo explicar por que eu (mesmo em minha capacidade como dramaturga) nunca tive a ideia de aplicar estratégias performativas em meus seminários de filosofia! Entretanto, me parece que esse fato ilustra não apenas minha inabilidade individual, mas é também sintomático das consequências de determinados processos de disciplina em ambos os campos. Nesse caso, meu *sensu para o alternativo* (conforme foi discutido no começo) foi verdadeiramente amputado. Uma certa rigidez de formas tinha claramente limitado

minha habilidade de pensar também; e isso apesar de eu ainda estar estudando no antigo programa *Magister* (e lecionando também). O mesmo efeito deve ser ainda mais forte hoje em dia nos formatos extremamente lineares dos programas de bacharelado e mestrado, que impedem desvios, ou pelo menos os tornam ainda mais difíceis do que antes.

A.L.: E agora você está trabalhando no ZPS/TdV há mais de cinco anos e tornou-se, em certo sentido, uma expert em provocar nas pessoas um senso para alternativas, como fica claro na dramaturgia que desenvolveu para a Conferência de Filosofia-Performance em Praga. Poderia especificar o que lhe proporcionou esse senso para alternativas?

A.S.: Sim, acho que tem a ver com a maneira *verdadeiramente* interdisciplinar de trabalhar no ZPS/TdV. Digo *verdadeiramente* porque já há algum tempo tem havido muitos contextos interdisciplinares de trabalho em que a interdisciplinaridade existe apenas no papel. Nem é tão surpreendente, porque as estruturas, especialmente as estruturas temporais, muitas vezes não permitem que ocorra um real engajamento. Um engajamento real é, primeiro, sempre uma desconstrução também, e que é necessária, em minha opinião, se a questão for aprender a enxergar nossos próprios pontos cegos (através do olhar dos outros), para questionar coisas que são dadas como certas.

A.L.: Minha experiência tem sido essa também. A atitude de *praticar filosofia somente para filósofos* parece mortal para mim; fracassa mesmo quando medida por seus próprios objetivos. O que torna a filosofia relevante senão sua pretensão de contribuir com a questão do bem viver? E se essa contribuição puder ser feita, certamente deve ser a partir da perspectiva do mundo concreto real e de seus desafios atuais. A filosofia deve continuar suscetível, sensível, por assim dizer, para permanecer relevante. Se não o for, transforma-se em nada, apenas um jogo cerebral para *nerds*. Deve seguir um movimento infinito de abertura e fechamento, deve permanecer receptiva e não deve se fechar hermeticamente. Isso se aplica ao intercâmbio com outras disciplinas, mas também, para além da academia, à maneira como se engaja no mundo.

A.S.: Estranhamente, parece-me que esse isolamento de outras disciplinas e influências extra-acadêmicas (não somente na filosofia) parece ter aumentado, não diminuído, com a digitalização. Afinal, em princípio, a digitalização promete oportunidades insuspeitas de trabalho em rede. A maneira como é

empregada, entretanto (especialmente no contexto universitário de ensino a distância), tem tido o efeito de separar as disciplinas, ao invés de propiciar novas maneiras de interconexão. Por exemplo, enquanto costumava ser possível – e prática comum – disponibilizar um texto de outra disciplina em pastas na biblioteca, com algumas ferramentas de ensino a distância não é nem mesmo possível acessar um texto de outro seminário, mesmo que seja da mesma disciplina, sem se inscrever para esse seminário...

A.L.: No contexto da Filosofia-Performance, ocasionalmente surge a pergunta se todo o alarido sobre performatividade na filosofia não poderia talvez ser considerado como outro bloco de construção na tendência à autor-representação no mundo digital. Ou seja, também no espírito de abordagens neoliberais a discussão de performance como *habilidades performativas* que servem meramente para melhor disseminar o conteúdo. Foi sugerido, nesse contexto, que a Filosofia-Performance se une a essas tendências para otimizar a embalagem sem melhorar o conteúdo. Por outro lado, as práticas filosóficas que esqueceram da performatividade são quase glorificadas como práticas que se rebelam contra tais tendências neoliberais. É claro que isso é um absurdo. Mesmo que haja práticas filosóficas que não reflitam sobre sua própria performatividade, elas, no entanto, têm qualidades performativas que obviamente também produzem efeitos. A questão não é transformar artificialmente filósofos em performers ou performers em filósofos; ao contrário, fazer filosofia sempre constituiu e envolveu um ato performativo, pois seu próprio fazer tem que ser (re)presentado de uma maneira ou de outra. Assim, necessariamente um/a filósofo/a sempre representa algo quando faz filosofia. A Filosofia-Performance trata simplesmente de possibilitar refletir sobre essas qualidades performativas e, assim, abri-las à negociação.

A.S.: Ainda assim, a Filosofia-Performance deveria ser compreendida como um sinal dos tempos. A virada performativa na filosofia anda de mãos dadas com um interesse aumentado por questões do performativo em outras esferas. Mais corretamente, deve-se dizer que anda de mãos dadas com um interesse aumentado por questões referentes ao *conteúdo* do performativo, pois na forma a virada linguística ainda opera sob o slogan *compreender tudo como texto*. Parece-me que esse slogan é uma outra razão que podemos relatar pela qual o ensino universitário sofre de um enorme excesso de transmissão de conhecimento baseado em textos. A universidade para as massas e a digi-

talização naturalmente contribuíram para isso, mas é gritante que a digitalização em particular disponibiliza muitas formas diferentes para compartilhar conhecimento, contudo, essa oportunidade continua não explorada até o momento. Com certeza, o progresso digital (especialmente no campo das humanidades) constitui um triste exemplo do que ocorre quando não se reflete sobre os formatos. Até agora, os círculos científicos fizeram muito pouco com as possibilidades dos novos formatos digitais, de modo que, em muitos casos, fizeram mais para reduzir do que expandir a escala performativa das várias disciplinas. Há muitos anos, Michel Serres escreveu um livro pequeno agradavelmente subversivo em que abordou essas possibilidades e chegou à conclusão de que precisamos repensar as tarefas de nossas instituições educacionais de baixo para cima. As escolas e as universidades já não são mais as guardiãs exclusivas do conhecimento; o acesso ao conhecimento é agora possível por meio de tantos canais que não precisamos mais ter que fazer do compartilhar de conhecimento nossa prioridade número um. Está em jogo, ao contrário, como lidar com o conhecimento que está disponível. Pergunta ele:

Por que estas inovações não ocorreram? Eu hesito em acusar os filósofos (considero-me um deles), embora sua vocação seja antecipar os conhecimentos e as práticas por vir, e me parece que falharam nessa tarefa. Preocupados com a política cotidiana, não perceberam a chegada do contemporâneo (Serres, 2015, p. 15).

Para mim, isso está relacionado à pergunta que você fez anteriormente sobre a *filosofia para filósofos* (que se aplicaria também ao *teatro para o pessoal do teatro*). Hoje, há muitos – demasiados – tópicos urgentes para os quais seria desejável, nestes tempos de grandes processos de convulsão, que a filosofia – assim como a arte – desenvolvesse atitudes. Mas isso requer urgentemente uma reorientação de práticas da universidade, a saber, no espírito do verdadeiro trabalho em rede interdisciplinar e transdisciplinar ao invés de separar disciplinas – uma medida muito promissora.

A.L.: Aqui relembro do que escrevemos recentemente na introdução do nosso último volume de ensaios:

Hoje em dia, encontrar o estrangeiro tornou-se um tema presente em cada vez mais âmbitos sociais. Está aumentando o número de pessoas estranhas que chegam a países estrangeiros a elas, e alguns dos habitantes de longo tempo daqueles países estão respondendo com estranhamento. Ao mesmo

tempo, as assim-chamadas bolhas filtro na Internet estão impedindo ou, pelo menos, dificultando que as pessoas encontrem o não-familiar, e certamente qualquer tipo de encontro está cada vez mais sob risco de transformar-se em algo estranho e estrangeiro na era da aceleração e digitalização (Lagaay; Seitz, 2018, p. 12).

Isso está relacionado com aquilo que os processos de troca inter e transdisciplinar podem ensinar: o encontro com o estranho e o produtivo torna estranho os hábitos próprios de alguém. Não podemos permitir que o volume de mera massa de informações que desce sobre nós diariamente nos leve a ficar confortáveis ou até mesmo letárgicos. Nem podemos permitir que nos reduza a buscar refúgio em procedimentos padronizados em relação aos quais não toleramos nenhum desvio. Acho que a comparação entre *caminho de chão batido* e *estrada* se aplica muito bem aqui: às vezes alguém se perde porque o caminho ainda não está suficientemente batido, mas isso é precisamente o que o transforma em caminho das ciências! Na estrada, ao contrário, o movimento se dá em alta velocidade, mas sempre fixamente em uma direção; qualquer desvio pode ser fatal. Não podemos permitir que sejam essas as qualidades que caracterizem os caminhos do conhecimento nas universidades.

Notas

- ¹ Ver CBC Comedy (2016) e TEDx Talks (2015).
- ² Ver também Chandler (1994).
- ³ Ver Expedition Philosophie E.V. (2012).
- ⁴ Ver Soundcheck Philosophie (2013).
- ⁵ Ver Performance Philosophy (2019).
- ⁶ A Terceira Conferência Bienal de Filosofia da Performance “Como a Filosofia da Performance Atua? Ethos, Éticas, Etnografia” foi realizada entre 22 e 25 de junho de 2017 na Academia de Ciências e Academia de Artes Cênicas em Praga. Para o programa da conferência e informações adicionais, visite: <<http://web.flu.cas.cz/ppprague2017/manifest.html>>. Acesso em: 6 mar. 2019.
- ⁷ Ver também: Holkenbrink e Seitz (2018, p. 137-150).
- ⁸ Michel de Montaigne, *Essais*, III, 3, 629 C (828): “Mon esprit ne va, si les jambes ne l’agitent”.

- ⁹ Friedrich Nietzsche, *Ecce homo* (1889) / *Warum ich so klug bin*, § 1.
- ¹⁰ O teatro sediado em Bremen *Theater der Versammlung* (Teatro de Montagem) é um dos primeiros teatros de pesquisa na Alemanha (Diretor Artístico: Jörg Holkenbrink). Baseado no Centro de Estudos da Performance da Universidade de Bremen, o *Theater der Versammlung* reúne estudantes, cientistas de todas as faculdades e praticantes de performance profissional para trabalharem juntos em uma gama de temas e questões que se originam nos contextos acadêmicos, usando métodos e meios extraídos da arte e do teatro de performance. Isso resulta em uma intensa colaboração com pessoas com expertise em uma ampla gama de discursos diferentes. As performances que surgem desse processo de trabalho interdisciplinar foram apresentadas e discutidas em todo o mundo falante da língua alemã e além dele, e em diversos contextos profissionais e educacionais incluindo negócios, escolas, instituições de saúde e centros culturais. O currículo de Estudos da Performance na Universidade de Bremen é explicitamente voltado para a formação de estudantes em formas e métodos de abordagem teatral investigativa, engajada e intervencionista à performance. Jörg Holkenbrink é o diretor artístico tanto da companhia de teatro como do Centro para Estudos da Performance na Universidade de Bremen. Disponível em: <<https://www.tdv.uni-bremen.de/konzept.php#EN>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

Referências

BIENNALE PERFORMANCE PHILOSOPHY CONFERENCE, 3., *How Does Performance Philosophy Act? Ethos, Ethics, Ethnography*, 2017, Prague. **Conference programme and additional information**. Prague: Academy of Sciences and the Academy of the Performing Arts, 2017. Available at: <<http://web.flu.cas.cz/ppprague2017/manifest.html>>. Accessed on: March 6, 2019.

CARP, Richard. *Integrative Praxes: Learning from Multiple Knowledge Formations*. **Issues in Integrative Studies**, Boone, v. 19, p. 71-121, 2001. Available at: <http://libres.uncg.edu/ir/asu/f/Carp_Richard_2001_Integrative.X.pdf>. Accessed on: April 30, 2019.

CBC COMEDY. **'Thought Leader' gives talk that will inspire your thoughts**: CBC Radio (Comedy/Satire Skit). (4m15s). June 8, 2016. Available at: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=34&v=_ZBKX-6Gz6A>. Accessed on: April 30, 2019.

CHANDLER, Daniel. **The Transmission Model of Communication**. 1994. Available at: <http://transcriptions-2008.english.ucsb.edu/archive/courses/warner/english197/Schedule_files/Chandler/Transmission.model_files/trans.htm>. Accessed on: April 30, 2019.

DESAN, Philippe (Ed.). **The Oxford Handbook of Montaigne**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

EXPEDITION PHILOSOPHIE E.V. Website. Leipzig, 2012. Available at: <<https://expeditionphilosophie.wordpress.com>>. Accessed on: April 30, 2019.

FISCHER-LICHTE, Erika. **Performativität**: Eine Einführung. Bielefeld: Transcript, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **What is Philosophy?** Translated and with an Introduction by William Kluback and Jean T. Wilde Ncup, Inc. (formerly New College and University Press, Inc.). Albany, NY, 1956.

HOLKENBRINK, Jörg; SEITZ, Anna. Challenging Formats: Content and Form in Dialogue – On the development of aesthetic sensitivities in academia. In: AHMAD, Aisha-Nusrat; FIELITZ, Maik; LEINUS, Johanna; SCHLICHTE, Gianna Magdalena (Ed.). **Knowledge, Normativity and Power in Academia: Critical Interventions**. Frankfurt; New York: Campus, 2018. P. 137-150.

LAGAAY, Alice; SEITZ, Anna (Ed.). **Wissen Formen – Performative Akte zwischen Bildung, Wissenschaft und Kunst**: Erkundungen mit dem Theater der Versammlung. Bielefeld: transcript, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. [1889]. Translated, Edited & With Commentary by Walter Kaufmann. New York: Vintage Books, 1989.

PERFORMANCE PHILOSOPHY. A research network for the field of Performance Philosophy. Website. 2019. Available at: <<http://performancephilosophy.ning.com/group/philosophy-on-stage>>. Accessed on: April 30, 2019.

POLANYI, Michael. **The Tacit Dimension**. Gloucester, MA: Peter Smith, 1983.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **The Confessions**. [1770]. Ware: Wordsworth Editions, 1996.

SERRES, Michel. **Thumbelina**: The Culture and Technology of Millennials. London; New York: Rowman & Littlefield International, 2015.

SHANNON, Claude; WEAVER, Warren. **The Mathematical Theory of Communication**. Illinois: The University of Illinois Press, 1979.

SOUNDHECK PHILOSOPHIE. Philosophie-Performance-Festival. Website. Leipzig, 2013. Available at: <<https://www.soundcheckphilosophie.de>>. Accessed on: April 30, 2019.



TEDX TALKS. **Como parecer inteligente na sua palestra TEDx:** Will Stephen, TEDxNewYork. (5m55s). Jan 15, 2015. Available at: <<https://www.youtube.com/watch?v=8S0FDjFBj8o>>. Accessed on: April 30, 2019.

THEATER DER VERSAMMLUNG. Zentrums für Performance Studies. Website. Bremen: Universität Bremen, 2015. Available at: <<https://www.tdv.uni-bremen.de/konzept.php#EN>>. Accessed on: March 6, 2019.

Alice Lagaay é professora de Estética e Filosofia Cultural na Universidade de Ciências Aplicadas de Hamburgo, Alemanha. Pesquisadora de conceito e fenômeno de *indiferença criativa*, com foco na obra do filósofo Salomo Friedlaender/Mynona. Organizadora e fundadora da rede de pesquisa internacional de Filosofia-Performance, coeditora da série de livros Filosofia-Performance pela Palgrave Macmillan.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2455-3238>

E-mail: alice@do4d.com

Anna Seitz é orientadora, filósofa e estudiosa em Estudos do Teatro, Cinema e Mídia. Professora do Centro de Estudos da Performance da Universidade de Bremen e da Universidade de Ciências Aplicadas de Hamburgo. Membro do *Theater der Versammlung zwischen Bildung, Wissenschaft und Kunst*. Bolsista de doutorado em filosofia – pesquisa performativa e performance em pesquisa (Fundação Hans Böckler).

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7987-7854>

E-mail: anna.seitz@web.de

Este artigo inédito, traduzido por Ananyr Porto Fajardo e revisado por Luciana da Costa Dias, também se encontra publicado em inglês neste número do periódico.

Recebido em 05 de maio de 2019

Aceito em 01 de outubro de 2019

Editor-responsável: Patrick Campbell

Editora-responsável: Laura Cull Ó Maoilearca

Editora-responsável: Luciana da Costa Dias

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>>.